



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

INTERVENÇÃO DE EDUARDO FERRO RODRIGUES,

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO

PALÁCIO DE SÃO BENTO – 26 JANEIRO DE 2017

O Dia Internacional da Memória do Holocausto já faz parte do calendário parlamentar. Fazemo-lo em sintonia com a iniciativa das Nações Unidas e com o espírito da Carta dos Direitos Humanos, documento no qual se reconhece a nossa própria Constituição.

Há 72 anos era libertado o campo de Auschwitz.

Essa libertação trouxe à luz do dia o horror mais absoluto.

Vidas humanas de milhões de judeus, ciganos e homossexuais foram, num primeiro momento, socialmente diminuídas; e depois sistematicamente dizimadas pela sinistra solução final.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Sentimentos de luto, de vergonha coletiva, conduziram demasiadas vezes ao silêncio no imediato pós-guerra.

Esse silenciamento foi porventura confortável para quem preferiu não ver, não saber, e principalmente para quem colaborou. Mas significou um sofrimento insuportável para os poucos que ousaram resistir e para aqueles que conseguiram sobreviver.

É esse direito ao reconhecimento humano que foi finalmente concretizado com as ações da Justiça na Alemanha e já nos anos 60 em Israel, após a captura de um dos principais responsáveis pelo extermínio de milhões, Adolf Eichmann.

O filme que hoje vamos ver retrata precisamente esse direito ao reconhecimento e o papel insubstituível das imagens como veículo de divulgação de crimes contra a humanidade e de condenação global do Holocausto.

Pelo que pude ler, o filme traz-nos não só a recriação da realização televisiva do julgamento mas também imagens originais Julgamento de Eichmann, impassível perante os hediondos crimes que lhe eram imputados.

Foi nesse contexto que Hannah Arendt escreve “Eichmann em Jerusalém”, com o subtítulo: “um relato sobre a banalidade do mal”.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

A expressão banalidade do mal correu mundo e a ideia que lhe subjaz ainda hoje nos perturba.

A civilização da cultura e da tecnologia de repente ao serviço da barbárie.

Gente comum, com uma vida comum, a colaborar massivamente com um sistema sinistro, sem se questionar sobre as consequências de atos aparentemente burocráticos.

Recordo também o arranque das “Benevolentes”, obra magistral de Jonathan Littel em que um antigo oficial nazi interpela a consciência humana narrando na primeira pessoa, a sua participação nas atrocidades da frente leste e na organização do Holocausto:

“Irmãos humanos, permitam-me que vos conte como tudo aconteceu.

Não somos seus irmãos, responderão, e não queremos saber.

É bem verdade que se trata de uma história sombria, mas também edificante, um verdadeiro conto moral, garanto-vos.

Além do mais, isto diz-vos respeito: verão que efetivamente vos diz respeito.”



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Efetivamente, o Holocausto, as barbaridades cometidas na frente leste, dizem-nos respeito, interpelam a condição humana e não podem cair no esquecimento.

Não foram atos de loucura isolada, foram o resultado de uma máquina de destruição humana racionalmente preparada e executada.

Dizia Edmund Burke que aqueles que não conhecem a História estão condenados a repeti-la.

O Holocausto é porventura a página mais negra da História da Humanidade.

É por isso uma história que não pode ser esquecida, nem relativizada.

É uma história que não queremos repetir e que por isso deve ser lembrada de geração em geração.

Saúdo por isso também a Professora e os Alunos da Escola de Vilela. O acolhimento parlamentar da vossa exposição é o sinal claro daquilo que representa para nós este vosso exemplo notável.

Só posso desejar que mais exemplos e mais iniciativas floresçam.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Às vezes parece que aprendemos muito pouco com a História.

Às vezes parece que os europeus não dão o valor devido à paz e à democracia que foram conquistando a partir do pós-guerra em sucessivas vagas regionais.

Mas nem a paz nem a democracia são adquiridos eternos. São conquistas frágeis que devem ser defendidas todos os dias.

A democracia não é o regime da indiferença, e o pluralismo não pode ser sinónimo de relativismo moral.

Recordemos as palavras de despedida do Presidente Obama, sempre inspirador nos seus gestos e discursos: “Não tomem a democracia por adquirida e acreditem. Não na minha capacidade de trazer a mudança – mas na vossa.”

Esta atitude de permanente vigilância democrática, esta cultura de mobilização cidadã são os melhores antídotos contra os inimigos da democracia.

Muito obrigado pela vossa presença e pela vossa atenção.

Eduardo Ferro Rodrigues